

DA IMAGEM DIGITAL AO NFT: poética, circulação e comercialização em *Ocean Front*, de Beeple

Raphael Morone Moreira da Silva¹, Celina Figueiredo Lage²

¹UEMG, Belo Horizonte, Brasil (raphaelmorone@gmail.com)

²UEMG, Belo Horizonte, Brasil (celinalage@gmail.com)

Resumo: Este artigo analisa *Ocean Front*, de Beeple, a partir da passagem da imagem digital ao NFT. A obra é examinada em sua poética visual, ligada à paisagem marítima e à crise ambiental, e em seu percurso de circulação e comercialização. A partir de revisão bibliográfica, análise visual e rastreamento documental, discute-se como uma imagem reproduzível em rede passa a ser singularizada por token, plataforma, autenticação e mercado.

Palavras-chave: Arte digital; NFT; Beeple; paisagem; mercado de arte.

INTRODUÇÃO

A comercialização de obras digitais por meio de tokens não fungíveis (NFTs) recolocou no debate contemporâneo um conjunto de problemas clássicos da teoria da arte: autenticidade, reprodutibilidade, circulação, valor e inserção institucional. Se, para Walter Benjamin, a reprodutibilidade técnica abala o “aqui e agora” do original e enfraquece a aura da obra de arte (Benjamin, W., 2012, p. 17-23), o ambiente blockchain parece operar em sentido inverso, ao tentar reinscrever singularidade em imagens que, do ponto de vista técnico, permanecem sendo multiplicáveis. Ao mesmo tempo, a ampliação dos “mundos da arte” (BECKER, 1982) permitiu que objetos oriundos das novas mídias atravessassem com maior intensidade a fronteira entre produção digital, circulação em rede e mercado de arte.

É nesse contexto que este artigo propõe analisar *Ocean Front*, de Beeple, considerando seus aspectos imagéticos, sua proposta conceitual e seu percurso de comercialização como NFT. A obra apresenta uma paisagem oceânica marcada pela presença humana: uma estrutura elevada sobre a água, composta por módulos industriais e habitacionais, sobre a qual cresce uma árvore. A cena reúne mar, arquitetura improvisada, tecnologia e vestígios de ocupação, construindo uma imagem de adaptação diante de um ambiente transformado.

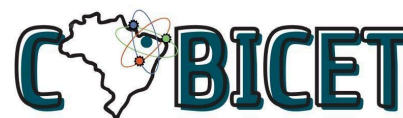
A escolha de *Ocean Front* justifica-se por sua capacidade de articular paisagem, crise ambiental e mercado digital em uma única obra. A imagem permite discutir a paisagem marítima como

construção cultural, e não como dado natural imediato, aproximando-se da reflexão de Anne Cauquelin sobre a paisagem como “uma invenção, um objeto cultural patenteado” (Cauquelin, 2007, p. 12). Ao mesmo tempo, seu percurso como NFT permite observar como uma imagem digital, reproduzível enquanto arquivo visual, passa a ser singularizada e valorizada por meio de uma infraestrutura técnica de autenticação e circulação.

A partir desse recorte, o objetivo deste artigo é analisar *Ocean Front* considerando três aspectos: a imagem, a proposta conceitual do artista e o modo como a obra foi comercializada como NFT. Interessa compreender o que a imagem representa e também os dispositivos que participam de sua circulação pública: o *statement* do artista, a plataforma de comercialização, o registro em *blockchain* e sua inserção no debate sobre NFTs no campo da arte contemporânea.

MATERIAL E MÉTODOS

Este artigo adota uma abordagem qualitativa, fundamentada em pesquisa bibliográfica e documental, e desenvolve uma análise crítica do objeto investigado. O material principal de análise é a obra *Ocean Front*, de Beeple, considerando sua imagem, a nota conceitual associada à obra — “together we can solve this” — e os registros disponíveis sobre sua comercialização por meio de NFT. A pesquisa foi desenvolvida a partir de três



procedimentos principais: revisão bibliográfica, análise visual e rastreamento documental.

A revisão bibliográfica mobiliza autores que contribuem para a discussão sobre reprodutibilidade técnica, autenticidade, paisagem, arte digital e mercado de arte. A análise visual concentra-se na composição de *Ocean Front*, observando a construção da paisagem marítima, os elementos arquitetônicos e habitacionais, a presença da árvore, a ausência de terra firme e os sinais de crise ambiental. O rastreamento documental, por sua vez, busca reconstruir o percurso público da obra por meio de NFT, considerando informações disponíveis sobre a plataforma de venda, o valor alcançado, o comprador identificado publicamente, a associação com a Open Earth Foundation e os limites atuais de acesso à ficha original da obra na plataforma Nifty Gateway.

Desse modo, a metodologia combina a leitura teórica com a análise da imagem e com a verificação de registros públicos de circulação e comercialização, buscando compreender *Ocean Front* tanto como obra visual quanto como objeto inscrito no mercado de arte digital.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados da análise são apresentados em três eixos. O primeiro contextualiza Beeple no campo da arte digital e do mercado de NFTs. O segundo examina *Ocean Front* a partir de sua imagem e de sua proposta conceitual. O terceiro discute o percurso de comercialização da obra através de um NFT, articulando os dados documentais disponíveis com os debates sobre autenticidade, reprodutibilidade e mercado de arte digital.

BEEPLE ENTRE A ARTE DIGITAL E O MERCADO NFT

Antes de se tornar um dos nomes mais visíveis do mercado de NFTs, Beeple já possuía uma trajetória ligada à produção e circulação de imagens digitais na internet. Mike Winkelmann, nome pelo qual também é conhecido, construiu sua presença pública a partir de *Everydays*, prática iniciada em maio de 2007, na qual passou a criar e publicar uma imagem online todos os dias. Esse processo deu origem, anos depois, à obra *Everydays: The First 5000 Days*, leiloadada pela Christie's em 2021 (CHRISTIE'S, 2021b) por US\$ 69,3 milhões, tornando-se, naquele momento, a obra

de arte digital associada a um NFT mais cara já vendida em leilão.

A obra digital foi comercializada por meio de um NFT de edição única. A obra consistia em uma colagem digital quadrada no formato JPEG, com dimensões de 21.069 × 21.069 pixels e tamanho de aproximadamente 304 MB, na qual foram reunidas as primeiras 5.000 imagens da série diária *Everydays*.

A trajetória desta obra situa Beeple em um campo de produção diferente do percurso tradicional de legitimação artística baseado inicialmente em galerias, museus e crítica especializada. Sua obra se formou em contato direto com a cultura visual da internet, com softwares de modelagem e renderização, com redes sociais e com formas de circulação próprias do ambiente digital. A Christie's descreve Beeple como designer gráfico e artista de motion graphics, destacando sua produção prolífica, sua presença no Instagram e suas colaborações com marcas e artistas da indústria cultural (CHRISTIE'S, 2021a).

A passagem de Beeple para o mercado NFT não surge, portanto, como um episódio isolado, mas como desdobramento de uma produção já consolidada em redes digitais. O que se altera em 2021 é o circuito de legitimação: uma prática de publicação cotidiana, vinculada à internet e às ferramentas de produção digital, passa a ser apresentada por uma casa de leilões internacional como obra colecionável autenticada em blockchain por uma casa de leilões internacional com mais de dois séculos e meio de história.

Nesse contexto, a venda de *Everydays: The First 5000 Days* pela Christie's em 2021 se transformou em marco da entrada dos NFTs no debate da arte contemporânea. A obra foi ofertada como associada a um “non-fungible token (jpg)”, com indicação de token ID, endereço de carteira, *smart contract* e data de mintagem. A página do leilão também registra que o pagamento poderia ser feito em Ether, evidenciando a articulação entre imagem digital, infraestrutura blockchain, criptomoedas, casa de leilões e mercado internacional de arte (CHRISTIE'S, 2021b).

OCEAN FRONT E A PROPOSTA CONCEITUAL DA OBRA

Ocean Front integra o projeto *Everydays*, no qual Beeple produziu e publicou imagens digitais diariamente ao longo de sua trajetória. A obra foi posteriormente associada à consolidação pública do artista no mercado NFT, especialmente por sua venda em 2021 e por sua circulação em plataformas e registros ligados ao colecionismo digital.

A proposta conceitual de *Ocean Front* pode ser lida a partir da nota do artista que acompanha a obra: “*together we can solve this*”. A frase é breve, mas orienta a leitura da imagem para um campo coletivo e ambiental. Sob o aspecto descritivo, a obra se apresenta como uma construção elevada, ocupando o centro da composição, isolada em meio a uma extensão de água. A imagem possui formato vertical, e o conjunto arquitetônico acompanha essa orientação, organizando-se como uma torre formada pelo empilhamento de diferentes estruturas, objetos e meios de transporte.

A base da construção é sustentada por pilares metálicos fincados na água. Esses pilares são unidos por travessas diagonais, formando uma armação semelhante à de plataformas marítimas. Sobre essa estrutura encontram-se dois grandes cilindros horizontais de coloração alaranjada. A água alcança parcialmente os pilares, deixando visível o espaço existente entre a superfície marítima e o piso principal da edificação.

Próximo à base, um pequeno barco de cor avermelhada está amarrado à construção. A embarcação aparece vazia e parcialmente coberta pela sombra da plataforma. À esquerda, mais afastado, vê-se um objeto flutuante semelhante a uma boia ou sinalização marítima. Não há terra visível, nem uma faixa de praia ou continente: a construção parece inteiramente cercada pela água.

Acima da plataforma inferior, diversos módulos são sobrepostos. Entre eles é possível reconhecer a carroceria de um ônibus, um trailer, contêineres de carga, compartimentos metálicos, reservatórios e estruturas semelhantes a partes de veículos ou habitações móveis. Esses elementos não formam um edifício convencional. Parecem ter sido reunidos, adaptados e posteriormente empilhados para constituir um espaço habitável.

Na parte inferior desse agrupamento destaca-se um ônibus de coloração cinza e azul-escura. Embora incorporado à construção, ele ainda conserva características reconhecíveis, como o para-brisa, as portas, as janelas e a parte frontal da carroceria.

Acima dele estão dispostos outros compartimentos, entre os quais um módulo verde, uma estrutura branca semelhante a um trailer e caixas de diferentes dimensões.

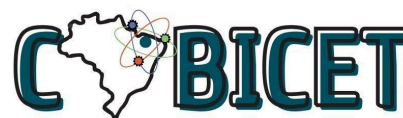
Na região superior, um grande contêiner vermelho ocupa o lado direito. À esquerda dele encontra-se um trailer envelhecido, com janelas escurecidas e marcas de desgaste em sua superfície. Outros contêineres menores aparecem atrás e ao redor desses volumes. A diferença de cores, formatos, texturas e estados de conservação reforça a aparência heterogênea do conjunto.



Figura 1. *Ocean Front* (Beeple, 2019; comercializada como NFT em 2021).

Passarelas estreitas, grades, escadas e pequenas plataformas externas conectam algumas partes da construção, remetendo a estruturas presentes em plataformas petroíferas. Há também tubos, antenas, recipientes, caixas, fios elétricos e aparelhos semelhantes a equipamentos de ventilação ou refrigeração. Os cabos atravessam horizontalmente a imagem e se ligam a postes de madeira posicionados junto aos módulos.

Na parte mais alta da estrutura cresce uma árvore de grandes proporções. Seu tronco espesso emerge de uma pequena porção de solo localizada acima dos contêineres e veículos. As raízes permanecem parcialmente visíveis, espalhando-se sobre a superfície construída. A copa é larga, densa e



intensamente verde, ultrapassando lateralmente os limites da torre e constituindo o elemento de maior destaque visual da imagem.

A escala da árvore contrasta com a pequena quantidade de terra que aparentemente a sustenta. Ao redor do tronco encontram-se algumas plantas menores e dois grandes cogumelos vermelhos. Apesar de estarem posicionados junto à árvore, esses cogumelos apresentam uma aparência artificial, especialmente pelo vermelho saturado e pelo formato desproporcional.

À esquerda da árvore, um varal estende-se entre o poste e a construção. Nele estão penduradas diversas peças de roupa. A presença do varal, do trailer, do barco e das instalações elétricas indica que o conjunto não funciona só como infraestrutura industrial, mas também contém vestígios de ocupação cotidiana, como se fossem transpostos de um bairro no subúrbio de alguma cidade no mundo. Não aparecem, contudo, figuras humanas na cena.

À direita, atrás da construção, ergue-se uma turbina eólica. Suas pás estão parcialmente recortadas contra o céu, enquanto a torre se prolonga até uma região próxima à linha d'água. A turbina não está integrada diretamente ao corpo principal da plataforma, mas aparece visualmente conectada a ele pela proximidade e pelos cabos que atravessam a composição.

O fundo é constituído por céu e água. O céu ocupa uma parcela ampla da imagem e apresenta nuvens espessas, distribuídas em áreas azuladas, brancas, cinzentas e levemente esverdeadas. A luz parece difusa, sem uma fonte claramente representada. A luminosidade atinge principalmente a copa da árvore, as nuvens e determinadas superfícies metálicas da construção.

A água é relativamente calma e reflete, de maneira alongada e pouco definida, os pilares, o barco, a boia de sinalização marítima e as cores do céu. A linha do horizonte encontra-se baixa e parcialmente encoberta pela névoa. Algumas aves aparecem voando em diferentes pontos, sobretudo nas laterais da construção.

A composição é frontal e centralizada. A torre ocupa quase todo o eixo vertical, partindo da água e alcançando a parte superior da imagem por meio da copa da árvore. A distribuição dos elementos conduz o olhar de baixo para cima: primeiro pelos pilares e pelo barco; depois pelo ônibus, pelos módulos e contêineres; por fim, pela árvore.

Embora a cena tenha sido produzida digitalmente em três dimensões, suas superfícies apresentam um tratamento visual que se aproxima da pintura a óleo. Céu, água, ferrugem, madeira, metal e vegetação possuem texturas irregulares e pequenas variações de cor. Esse acabamento reduz a aparência excessivamente limpa normalmente associada à modelagem digital e contribui para a integração visual dos diferentes objetos.

Nesse sentido, a paisagem marítima construída por Bleeple não se apresenta como uma vista natural do oceano, mas como uma cena de ocupação e adaptação. A estrutura instável, formada por veículos, contêineres, plataformas, cabos e módulos habitacionais, sugere uma presença humana reorganizada diante de um ambiente transformado. A árvore no topo da construção funciona como elemento ambíguo: pode sugerir esperança, regeneração ou sobrevivência, mas também evidencia que a natureza aparece sustentada por uma base técnica, precária e improvisada.

A obra, portanto, desloca a discussão da paisagem para o campo da imagem digital. Em *Ocean Front*, o oceano é apresentado como imagem construída, e não apenas como fundo natural da cena. Essa leitura permite aproximar a obra do que Anne Cauquelin coloca sobre a diferença entre natureza e paisagem. Para a autora, a paisagem não se confunde com uma natureza dada previamente: sua realidade percebida é “uma invenção, um objeto cultural patenteados” (Cauquelin, 2007, p. 12). Em *Ocean Front*, essa formulação ajuda a perceber que o oceano é organizado visualmente por meio da plataforma, dos módulos habitacionais, da árvore, da turbina eólica, do barco e da própria ausência de terra firme. Esses elementos constroem uma paisagem em que o mar aparece como lugar de permanência instável, atravessado por sinais de ocupação humana e adaptação a um ambiente transformado.

Essa relação entre imagem e proposta conceitual ganha ainda uma dimensão pública no modo como a obra passou a circular depois de sua venda como NFT. A frase “*together we can solve this*” não fica restrita à leitura visual da imagem: ela será retomada também na forma como o leilão da obra foi apresentado, associado a uma causa ambiental. Esse percurso comercial será analisado na seção seguinte, dedicada à comercialização de *Ocean Front* como NFT.

Por conseguinte, *Ocean Front* pode ser compreendida como uma obra em que a proposta conceitual se organiza em dois níveis principais: na imagem de uma paisagem marítima artificializada e na nota do artista, que convoca uma resposta coletiva

diante da crise ambiental. A passagem da obra para o mercado NFT acrescenta uma terceira camada a essa leitura, relacionada à sua circulação pública, à plataforma de venda e à associação com uma ação filantrópica voltada ao clima.

A COMERCIALIZAÇÃO DE *OCEAN FRONT* COMO NFT

Após a análise da imagem e de sua proposta conceitual, interessa observar o modo como *Ocean Front* foi comercializada por meio de um NFT. Os registros disponíveis permitem reconstruir parte de seu percurso público: a obra foi vendida em março de 2021 pela plataforma Nifty Gateway, em leilão que alcançou US\$ 6 milhões, com lance vencedor atribuído a Justin Sun, fundador da Tron Foundation. A venda foi associada à Open Earth Foundation, organização ligada a iniciativas de acompanhamento e enfrentamento da crise climática (BENJAMIN, G., 2021). Desse modo, o percurso público da obra articula imagem, plataforma, comprador, valor de venda e causa ambiental.

A imagem de capa do NFT informa que ela foi produzida com Cinema 4D, Octane Render e Photoshop, com dimensões de 2400×3000 pixels, tamanho 7,222,038 bytes, pertencendo à série *Good Stuff*, produzida no dia número 4344 (23/03/2019).

No percurso de *Ocean Front*, a comercialização como NFT não deve ser tratada apenas como informação de mercado, mas como parte da forma pública assumida pela obra. A imagem produzida por Beeple circula como arquivo visual, mas sua venda a inscreve em outro regime de existência: o do token, da plataforma, do registro de propriedade e da disputa colecionável. Esse deslocamento permite retomar a questão da autenticidade em Benjamin, agora diante de uma imagem digital que pode ser reproduzida indefinidamente, mas cuja posse passa a ser delimitada por uma infraestrutura de autenticação.

Benjamin (2012) associa a autenticidade da obra ao seu “aqui e agora”, isto é, à sua existência singular em determinado lugar e trajetória histórica. O autor afirma que “O aqui e agora do original constitui o conceito de sua autenticidade” e acrescenta que “A esfera da autenticidade, como um todo, subtrai-se à reprodutibilidade técnica” (Benjamin, W., 2012, p. 19). Em *Ocean Front*, a questão retorna de modo paradoxal: a imagem continua tecnicamente copiável, mas o NFT institui uma unicidade registral, baseada na identificação singular do token e na atribuição de propriedade na blockchain.

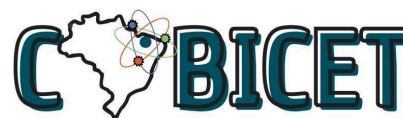
Esse movimento se aproxima também do que Figueiredo Lage (2024) trata sobre a entrada das novas mídias no mundo da galeria e no mercado. A autora observa que, ao final da segunda década do século XXI, os produtos artísticos em novas mídias passam a adentrar o “mundo da galeria”, em um processo ligado à “expansão progressiva da comercialização, exibição e colecionismo de objetos de arte em novas mídias” (Figueiredo Lage, 2024, p. 77). Dessa forma, *Ocean Front* pode ser entendida como parte desse deslocamento: uma imagem digital produzida em ambiente de circulação online passa a operar em um circuito de leilão, colecionismo e valorização financeira.

Figueiredo Lage (2024) também aponta que, nos casos de sucesso do mercado NFT, o aspecto decisivo não está necessariamente na inovação formal das imagens, mas no uso do blockchain como tecnologia de comercialização. Segundo a autora, “O que há de fascinante nesses casos de sucesso relatados, não consiste na originalidade ou na inovação do ponto de vista tecnológico empregado no processo de construção das obras, mas sim no uso da tecnologia inovadora do blockchain na sua comercialização” (Figueiredo Lage, 2024, p. 83). Essa observação é especialmente útil para *Ocean Front*, pois a relevância pública da obra não deriva somente da imagem marítima construída por Beeple, mas do modo como essa imagem foi transformada em item autenticado, vendido, colecionado e narrado como acontecimento do mercado NFT.

Em *Ocean Front* ocorre uma rede de cruzamentos entre modos de existência da obra: imagem digital, publicação no Twitter, item de plataforma, NFT e registro de mercado. A obra passa a depender de mediações que atravessam campos distintos: arte digital, interface comercial, documentação técnica e colecionismo.

Do ponto de vista documental, a ficha original de *Ocean Front* na Nifty Gateway já não está acessível nos mesmos termos: o antigo endereço associado ao item redireciona para a página inicial da plataforma (Nifty Gateway, 2026), que encerrou suas atividades em 23 de abril de 2026. O registro técnico do NFT, contudo, permanece disponível no Etherscan, por meio do contrato 0x0151834a6997f89eb8372ac54ac077d79bb4d1e0 e do token ID 32200070001. O caso evidencia que, embora as movimentações on-chain permaneçam rastreáveis, sua localização e interpretação podem não ser imediatas para usuários não especializados.

Por tudo isso, o percurso de *Ocean Front* evidencia uma mudança importante no modo de circulação da arte digital. A imagem permanece disponível como



visualidade reproduzível, mas sua inserção no mercado NFT produz uma camada de autenticação e procedência. O caso mostra que a comercialização não é um dado externo à obra: ela participa de sua leitura pública, de sua valorização e de sua inscrição no debate contemporâneo sobre autenticidade, reprodutibilidade e mercado.

CONCLUSÃO

A análise de *Ocean Front* permitiu observar como uma imagem digital pode articular paisagem marítima, crise ambiental e sua comercialização em NFT. Na obra de Beeple, o oceano não aparece como espaço natural intocado, mas como lugar de ocupação instável, atravessado por estruturas artificiais, módulos habitacionais, plataformas, veículos e uma árvore sustentada por uma base técnica e precária.

A frase “*together we can solve this*” orienta a leitura da imagem para uma dimensão coletiva e ambiental. Essa proposta conceitual se prolonga no percurso público da obra, já que sua venda através de NFT foi associada à Open Earth Foundation. Assim, *Ocean Front* articula imagem, statement e circulação, fazendo com que sua dimensão ambiental também apareça no modo como foi apresentada ao mercado.

Ao ser comercializada como NFT, a obra recoloca o problema da autenticidade em um contexto digital. A imagem permanece tecnicamente copiável, mas o *token* cria uma instância de posse, registro e procedência que permite sua inserção no circuito de leilão e colecionismo. O caso evidencia uma tentativa contemporânea de produzir singularidade em torno de imagens digitais, retomando, em outro regime técnico, questões ligadas à reprodutibilidade, ao valor e à legitimação artística.

O rastreamento documental da obra também revela uma tensão desse circuito. Embora o NFT seja frequentemente associado à permanência e à rastreabilidade, o acesso público à obra depende de plataformas, *links*, notícias, interfaces e registros que podem se modificar ou desaparecer. Desse modo, *Ocean Front* permite compreender tanto a potência quanto as fragilidades do mercado NFT: ao mesmo tempo em que cria novas formas de autenticação e comercialização para a arte digital, mantém a obra dependente de infraestruturas instáveis de circulação e arquivo.

Assim, a relevância de *Ocean Front* não está apenas no valor alcançado em leilão, mas na maneira como condensa uma paisagem marítima em crise, uma proposta conceitual ambiental e uma nova forma de inscrição mercadológica. A obra torna visível uma

questão central para o presente artigo: como uma imagem digital, produzida para circular em rede, passa a ser convertida em objeto singularizado, autenticado e disputado no mercado de arte contemporânea.

AGRADECIMENTOS

Pesquisa apoiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG).

REFERÊNCIAS

BECKER, Howard S. *Art worlds*. Berkeley: University of California Press, 1982.

BENJAMIN, Godfrey. Beeple’s NFT ‘Ocean Front’ sells for \$6M, proceed to be donated to charity. *Coinspeaker*, 23 mar. 2021. Disponível em: <https://www.coinspeaker.com/beeples-nft-ocean-front-charity/>. Acesso em: 14 jul. 2026.

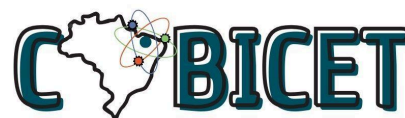
BENJAMIN, Walter. *A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica*. Apresentação, tradução e notas de Francisco De Ambrosio Pinheiro Machado. 2. reimpr. Porto Alegre: Zouk, 2012.

CAUQUELIN, Anne. *A invenção da paisagem*. Tradução de Marcos Marcionilo. São Paulo: Martins, 2007.

CHRISTIE’S. Beeple’s masterwork: the first purely digital artwork offered at Christie’s. *Christie’s*, 2021a. Disponível em: <https://www.christies.com/features/monumental-collage-by-beeple-is-first-purely-digital-artwork-nft-to-come-to-auction-11510-7.aspx>. Acesso em: 13 jul. 2026.

CHRISTIE’S. Beeple (b. 1981), *Everydays: The First 5000 Days*. *Christie’s*, 2021b. Disponível em: <https://onlineonly.christies.com/s/beeple-first-5000-days/beeple-b-1981-1/112924>. Acesso em: 13 jul. 2026.

ETHERSCAN. [Registro do NFT *Ocean Front* (beeple), token ID 32200070001]. [S. l.], [s. d.]. Disponível em: <https://etherscan.io/nft/0x0151834a6997f89eb8372ac54ac077d79bb4d1e0/32200070001>. Acesso em: 15 jul. 2026.



FIGUEIREDO LAGE, Celina. “As triangulações do mundo da arte, os espaçamentos da arte em novas mídias e o advento dos tokens não fungíveis (NFTs)”. Viso: Cadernos de estética aplicada, v. 18, n° 35 (jul-dez/2024), p. 69-86.

NIFTY GATEWAY. *Nifty Gateway Studio has shut down.* 2026. Disponível em: <https://www.niftygateway.com/>. Acesso em: 12 jul. 2026.